

SADIE MATTHEWS

OS SEGREDOS DA NOITE

Tradução de Catarina Campos

5 SENTIDOS

Prólogo

Todos os dias acordo com a mesma palavra na cabeça. Uma palavra.

Dominic.

O mais estranho é que às vezes é só uma declaração, uma frase ou um *mantra*, uma prece. Às vezes é uma pergunta: – *Dominic?* Como se esperasse que a voz dele ecoasse em resposta nos meus pensamentos e me garantisse que continua a pensar em mim, que ainda é meu, que continuamos ligados. Noutras alturas, é como um grito, um chamamento desesperado lançado na escuridão da noite, até o dia nascer.

Porém, por mais que esteja atenta, nunca oiço resposta.

Às vezes, é difícil manter a esperança, acreditar que vai voltar para mim. Mas sei que vai.

Só não sei quando.

Capítulo um

Lanço um olhar furioso ao homem à minha frente. Com toda a força, os punhos cerrados, o maxilar contraído, apoio-me numa perna e levanto a outra, pronta a investir com energia. Giro ligeiramente sobre o calcanhar, sinto o joelho junto ao peito e então:

PUMBA!

Desfiro um pontapé, com a máxima potência que consigo. Bato na *plastron* que o instrutor segura, reparando com satisfação que ele oscila um pouco com a pancada.

– Boa – diz ele. – Muito bem.

Direita, deixo-me ali ficar, ofegante.

– Estou pronta para outra – digo, sem fôlego.

Sid ri-se.

– Acho que chega por hoje. Começo a pensar que deixaste cair *speed* hoje no café por engano. Aonde vais buscar tanta energia?

Tiro o capacete e liberto o cabelo, que me cai em farripas húmidas e pegajosas pelo pescoço.

– Ah... sabes como é. Preciso de libertar a tensão.

É a mais pura verdade. Mas que tipo de tensão? Passo metade do tempo a tentar não pensar no meu desejo insaciado por Dominic. no restante, imagino que estou a esmurrar a cara do patrão dele, o homem responsável por Dominic estar longe de Londres há tanto tempo. Não que saiba que aspeto tem o senhor, mas também não interessa. De qualquer das formas, quando a sova imaginária acaba, tem a cara num bolo.

– Certo, bom treino, Beth – diz Sid, soltando-se das *plastrons*.
– Até para a semana.

– Uau, consegui transpirar e bem! – Laura tira a fita húmida com que segurava o cabelo escuro e sacode-o, torcendo o nariz e rindo-se. Olha-me pelo canto do olho.

– Estás com ar de quem também teve um bom treino.

– Estou estoirada. – Não me consigo ver, mas sei que estou escarlate do esforço e sinto comichão no cabelo e nas sobrancelhas da transpiração. – Mas gosto disso.

– Também eu.

A ideia de começar a ter aulas de *kickboxing* foi da Laura. Eu sabia que ela andava inquieta, com energia reprimida, desde que começara a trabalhar. Depois de três anos como estudante e três meses de liberdade total a andar pelo mundo de mochila às costas, começava a sentir a vida de trabalho como um esforço.

– Tenho de estar no escritório tão cedo! – Queixava-se ela, numa dessas noites, afundada no sofá, com o velho e confortável fato de treino, que vestia mal chegava a casa. Suspirou. – Se quiser ser levada a sério pelo meu chefe, tenho de passar o dia à secretária até altas horas. Só com três semanas de férias por ano! Não sei como vou aguentar. – Lançou-me um olhar invejoso. – Tens tanta sorte em ter um trabalho interessante.

Semicerrei os olhos, fulminando-a.

– Mas eu não tenho o ordenado de um consultor estagiário de gestão, lembra-te?

Torceu o nariz.

– Bem há que perceber se vale a pena, é só isso.

A energia reprimida estava a causar-lhe problemas, era evidente, porque, mal soube que havia aulas de *kickboxing* no ginásio ao fundo da nossa rua, inscreveu-nos sem sequer me perguntar se estava de acordo. Na verdade, até estava. Também precisava de um escape, embora não pelas mesmas razões. Fiquei espantada por aderir de imediato e gostar realmente; a sensação da energia a fluir-me pelo corpo dá-me uma adrenalina viciante. Venho sempre para casa a sentir-me forte e confiante, graças à torrente de endorfinas, em vez daquela rotina desgastante emprego-casa, casa-emprego.

Assim que chegamos ao nosso andar, Laura diz, admirada:

– Ainda nem acredito que estás aqui. Pensa: tu e eu, a vivermos juntas em Londres, com bons empregos e tudo! Ainda ontem éramos duas estudantes mal-arranjadas a passar noites no bar, a fazer as bebidas renderem ao máximo. Põe os olhos em nós! É até um bocado glamoroso, não achas?

Rio-me, mas não respondo, seguindo-a. Laura sabe muito pouco sobre o meu verão, ou sobre as coisas incríveis depois de ter conhecido Dominic. Se acha glamorosa a nossa casa, em East London e ligeiramente decadente, é porque nunca viu o apartamento de Mayfair onde pela primeira vez vi Dominic, da janela; ou, por falar nisso, o pequeno mas luxuoso *boudoir* que preparou para nós, no último piso do edifício.

O boudoir. Ainda lá está, à minha espera. Imagino a chave, no porta-joias, numa bolsa preta. Mas não consigo lá ir. Não sem o Dominic.

– Acho que muita coisa mudou desde então – comento, enquanto nos encaminhamos até à cozinha, para ir buscar água fresca.

Laura olha-me de forma perspicaz.

– Não há dúvida de que mudaste. Às vezes pergunto-me o que te terá acontecido enquanto eu estava na América do Sul. Quando me fui embora, estavas morta por assentar com o Adam, na tua cidade. Agora... Bem, quando voltei, encontrei uma rapariga elegante, com um emprego incrível no mundo das artes e o namorado passou à história. Tudo uma maravilha, mas...

– Mas? – Tiro dois copos do armário e um jarro de água do frigorífico.

– Beth, a verdade é que estou preocupada contigo.

– Preocupada? – repito, observando a água cair nos copos. Tenho tentado agir o mais normalmente possível. Talvez não tenha conseguido.

Laura pega no copo que lhe estendo e lança-me outro dos seus olhares raio X. Com aquele talento para ler pessoas e interpretar situações, tenho a certeza de que dará uma excelente gestora, mas pode ser incómodo para quem tenta guardar um segredo.

– Ainda não me contaste grande coisa sobre o homem com quem andas, esse tal Dominic – começa, numa voz suave, sinal de

que alguma coisa importante se segue. – Mas sei que estás completamente caidinha por ele e que não te diz nada há umas semanas.

Seis semanas, quatro dias e três horas. Aproximadamente.

Solto um cauteloso «uh».

– Dá para ver que andas infeliz – prossegue, ainda num tom brando. – Estás a tentar disfarçar, mas sou tua amiga e conheço-te. Porque é que não lhe mandas uma mensagem ou um *mail*? Ou lhe telefonas? Descobre que raio se está a passar.

Tento ganhar tempo com um longo gole, e só depois digo:

– Porque ele disse que entrava em contacto comigo. E é disso que estou à espera.

– Gosto bastante do jogo da espera – responde Laura, prontamente. – Quero dizer, nada de ansiedade ou de se ser demasiado óbvio. Mas, pelo que dizes, vocês não se limitaram a uns encontros. Estavam a levar a relação a sério, certo?

Reparo no uso do pretérito imperfeito, e sinto uma horrível pontada de dor. Tenho tentado convencer-me de que não está tudo acabado, mas aquele comentário de Laura é como um balde de água fria sobre as minhas esperanças.

– Então – continua ela, alheada –, procura-o. Exige-lhe uma explicação. Pergunta-lhe quando volta e o que sente por ti.

– Não posso – respondo, bruscamente. Quem me dera poder contar-lhe por que motivo a situação não é assim tão simples, mas há coisas sobre a minha relação com Dominic que ninguém sabe. Imagino o que seria explicar a Laura as coisas que fizemos no *boudoir*, ou o que se passou na masmorra do Asilo, mas, embora ela seja a minha melhor amiga e uma pessoa muito vivida, acho que não entenderia. Ficaria horrorizada. Dir-me-ia para o deixar já e tratar de encontrar alguém simpático e normal.

Talvez devesse.

Mas sei que, no fundo, não quero ninguém simpático e normal. Já tive isso e jamais poderei voltar aí.

Laura parece irritada.

– Não percebo porque é que não podes entrar em contacto com ele. É evidente que isto te está a perturbar! Andas infelicíssima, nota-se!

– Não ando nada – respondo.

– Não?

– Não. Estou furiosa. É isso. Para lá de furiosa. Pela parte que me toca, ele pode ficar longe o tempo que lhe apetecer.

O que disse soa a falso. Estou furiosa, mas não sei dizer se é com Dominic, por não me dizer nada; se é comigo, por confiar nele; ou com o patrão dele, que o mandou para outro país no preciso momento em que começávamos a resolver as coisas.

Laura olha para mim, e depois diz:

– Liga-lhe, Beth, vá. Liberta-te desse tormento.

Sorriso-lhe.

– Não precisas de te preocupar comigo. A sério. Mas não lhe vou telefonar. Nem mandar mensagem. Nem um *e-mail*. Se quiser falar comigo, sabe onde me encontrar. Até lá, faço a minha vida. Por falar nisso, quem é hoje a fazer o jantar? Estou esfomeada.

Só mais tarde, já na cama, me deixo ir abaixo. Deito-me de costas, abraçando-me para me sentir melhor, e enviando uma pergunta ao universo:

Onde estás tu, Dominic?

– Beth, como estás?

Mark Palliser, o meu patrão, cumprimenta-me afavelmente, como é hábito, quando entro no seu gabinete. Chama-lhe gabinete, mas é um espaço tão bonito que deveria ter outro nome, menos pessoal do que escritório, mas algo mais apelativo do que gabinete, com as suas luzes encastradas, insinuantemente fluorescentes, arquivadores e fotocopiadoras. Circular, com um lustre resplandecente que pende de uma flor trabalhada em estuque, num teto com cornijas decoradas. Tem três amplas janelas, com cortinas drapeadas, que dão para um jardim; junto delas, fica a secretária de Mark, enorme, de madeira polida, estilo Regency, com embutidos. O chão é de *parquet* brilhante, coberto por tapetes turcos, elegantemente desbotados, sendo que a sala reluz com o tom dourado dos candeeiros pousados sobre a secretária e o aparador. O melhor de tudo, no entanto, é as obras de arte nas paredes: pinturas a óleo, em molduras trabalhadas e em madeira dourada; aguarelas; pastéis; desenhos

a carvão; estampas e gravuras. Os temas são muitos e variados: uma bela paisagem de um lago escocês a óleo ao lado de um esboço a sépia de um glorioso anjo renascentista. Um retrato de um spaniel de olhos enternecedores ao lado de uma gravura sombria da devassidão da Regency. De tempos a tempos, uma peça desaparece e outra toma o seu lugar, porque Mark lhe encontrou um dono, entre os seus clientes. Começo a perceber como tudo funciona. Ainda na semana passada, tratei do envio de um pequeno quadro a óleo impressionista, de uma rapariga a banhar-se. Tudo era feito ao estilo de Mark: estruturas de madeira para acomodar as obras, folhas para proteção, caixas especialmente concebidas para o efeito, plástico-bolha e papel de seda sem substâncias ácidas e com o timbre dele, as letras MP dentro de uma moldura oval. Quando o pequeno quadro estava convenientemente embalado, tive de lhe fazer um seguro num valor que quase me fez desmaiar, após o que o enviei para uma das moradas mais caras do mundo.

Tudo isto é tão distante do universo em que cresci, na modesta povoação de Norfolk, que às vezes mal posso acreditar que é aqui que passo os dias e que ainda me pagam para isso.

Mark está à secretária, elegante, como sempre. Tem cabelo escuro e volumoso, olhos pequenos mas azuis e brilhantes, um nariz longo sobre uns lábios finos e um queixo recuado. Não é de todo bonito e, no entanto, tem uma certa aura de beleza e está sempre tão bem vestido e elegante que não consigo evitar deixar de acreditar que, de alguma forma, é de facto belo.

– Bom dia, Mark – respondo. – Estou bem, obrigada. Posso trazer-lhe alguma coisa?

– Não, obrigado. A Gianna já me trouxe café há pouco. – Mark sorri-me. – E, agora, vamos ao trabalho.

Sento-me, como de costume, na cadeira de pele diante da sua secretária, pegando no meu bloco turquesa de pele de avestruz – um presente que James, o meu antigo patrão, me deu quando comecei este emprego – para anotar o que quer que Mark tenha para me dizer. O trabalho é sempre variado e interessante: – nunca sei se vou à Sotheby's, Bonhams ou à Christie's para um leilão, visitar um cliente numa casa extraordinária, viajar pelo país para a venda de

um espólio ou se somos chamados para fazer a avaliação de uma obra. Mark é um negociante de arte respeitado e bem-sucedido o suficiente para ter uma casa em Belgravia e algumas peças de arte muito valiosas na sua coleção particular.

Tomo notas breves, deslizando rapidamente sobre o papel fino, enquanto Mark me diz algumas das coisas que quer que faça. Só trabalho com ele há algumas semanas, mas já me sinto uma parte importante da equipa. Também lá trabalha Jane, a secretária, que lida com a maioria da papelada administrativa e chata, o que é uma sorte para mim, porque Mark mal consegue escrever um *e-mail*, optando por escrever tudo à mão e pedindo a alguém para passar para computador. Ela passa pelo gabinete dele duas vezes por dia para recolher trabalho, que guarda numas pastas de pele verde, com o timbre dourado MP, e, ao fim da tarde, para lhe entregar tudo outra vez, já que trabalha no seu pequeno apartamento em Chelsea, na companhia dos seus dois King Charles spaniels.

– Portanto... – Mark pousa a caneta Cartier *vintage* de tinta permanente e reclinase na cadeira. Encara-me com os seus olhos azuis atentos. – Tenho uma coisa para lhe perguntar. O seu passaporte está atualizado?

Penso no meu passaporte, enfiado na gaveta da roupa interior, onde o guardo. A capa *bordeaux* é antiga, de tal forma o uso pouco, mas deve estar válido.

– Sim.

– Ótimo. O que acha de me acompanhar numa breve viagem? Receio bem que não seja para um destino exótico. Apenas ao Sul de França.

Fico boquiaberta.

Olha-me, interpretando com certeza aquele meu silêncio como relutância.

– Entendo perfeitamente se não quiser ir, creio que consigo desembaraçar-me sozinho.

– Não, não – precipito-me. – Adoraria ir. A sério. Já estive em França, claro, mas apenas em férias com a família, na Normandia, e numa viagem de finalistas, a Paris. Gostaria muito de conhecer o Sul.

– É muito bonito. – Mark sorri. – Mas não posso prometer grandes passeios. Iremos em trabalho. Portanto, estaremos a maioria do tempo numa casa de campo, mas vou ver o que posso fazer para lhe arranjar uma escapadela.

– Casa de campo?

– Sim. Vamos visitar talvez o meu mais prestigiado cliente. Seguramente o mais rico, se isso for a medida das coisas. Andrei Dubrovski é um oligarca extremamente bem instalado na vida. Já ouviu falar dele?

Aquele nome quase me deita ao chão, mal o oiço pronunciar: *Dubrovski*. É o nome que tenho murmurado enquanto pontapeio a *plastron* de Sid. *Toma esta, Dubrovski! E mais esta!* Entrou nos meus dias quando Dominic o mencionou: *Andrei Dubrovski. O meu patrão*. Desde então, o misterioso magnata russo tem sido uma parte importante, embora sombria, da minha vida. Foi por causa dele que Dominic foi para a Rússia quando a nossa relação entrou em crise.

Parece que foi há tanto tempo, aquela noite quente de verão, no restaurante à beira do Tamisa, a brisa fresca soprando nos nossos rostos. Foi quando Dominic e eu combinámos que ele me iniciaria nesse mundo entusiasmante de dor e prazer que até então só tinha imaginado. Sentia-me feliz com a expectativa e zozna com a sensação de que íamos fazer aquela viagem juntos. Estava completamente enfeitiçada. E, durante algum tempo, a aventura foi bonita, levou-me a picos de extremo prazer que não sabia existirem. A alegria durou até à noite no Asilo, quando ele foi longe de mais e me causou uma dor profunda e desesperante, tanto no corpo quanto no coração. Perdoei-lhe, mas ele ficou devastado com o que fez. Precisava de se resolver, disse-me. Foi então que Dubrovski o mandou à Rússia, para um projeto qualquer, e Dominic aproveitou a ocasião para se afastar, enquanto arrumava a cabeça.

– Espera por mim – pediu-me. E eu esperei.

Valeu-me de muito.

Sempre soube que Mark e Dominic trabalhavam para o mesmo homem e tinha consciência de que, mais cedo ou mais tarde, Mark entraria em contacto com Dubrovski. Para ser sincera, foi em parte

o motivo pelo qual aceitei o emprego como assistente de Mark. Agora aconteceu, e ele vai levar-me até Dubrovski. Vou finalmente conhecer esta personagem misteriosa com tanto ascendente sobre a minha vida. Talvez fique até a perceber melhor o próprio Dominic.

– Beth? Está tudo bem? – Mark inclina-se, preocupado. – Parece um pouco pálida.

– Sim... está tudo bem – respondo, respirando fundo. Estou a sentir aquela estranha combinação de prazer e dor a que me habituei, depois de conhecer Dominic. Só de pensar nele, uma onda de desejo e excitação invade-me, mas com ela vem uma pontada de tristeza. *Meu deus, tenho saudades tuas.* Depois, tão certo como a seguir à noite vir o dia, sou invadida por uma raiva borbulhante. *Como te atreveste a deixar-me assim, depois de tudo o que passámos juntos?* – Sim, claro, já ouvi falar de Andrei Dubrovski. Quem não ouviu?

– Então, se está certa de que quer ir...

– Sim, estou – afirmo, já totalmente recuperada. E também tenho a certeza de que quero ir com Mark ao Sul de França. Para começar, é uma forma de chegar a Dominic, e não consigo resistir.

– Ainda bem. – Mark parece contente por me ter a bordo. – Quando um homem como Dubrovski nos chama, vamos o mais rápido possível. Afinal, põe-nos o pão na mesa. Por isso, partimos amanhã, e estaremos fora pelo menos alguns dias. Tudo bem por si?

Anuo num gesto da cabeça

– Tudo bem. Já me conhece. O meu horário é muito flexível.

– Excelente. Não se esqueça do passaporte. E, agora, vamos andando para Bond Street? Oliver contou-me que chegou um verdadeiro tesouro que eu quero muito ver.

– Claro – digo, levantando-me. – Vou só buscar as minhas coisas.

Capítulo dois

Durante a manhã, não tenho tempo para pensar na viagem a França, que se aproxima, e só quando Mark e o colega Olivier decidem ir comer qualquer coisa ao clube do meu patrão é que tenho algum tempo para mim. Decido ir ao café da Sotheby, um sítio que passei a frequentar desde que tenho este emprego. À entrada, enquanto procuro uma mesa que me agrade, oiço uma voz familiar.

– Beth, aqui!

Olho para a sala cheia e vejo James, sentado a uma mesa com um jornal à sua frente. Sinto um ímpeto de ternura por ele; apostou em mim e deu-me a primeira oportunidade de trabalho no mundo das artes. Quando soube que Mark, um antigo sócio, procurava uma assistente, indicou-me para o lugar, e Mark contratou-me mesmo na altura em que precisava de arranjar emprego. Acena-me, com um grande sorriso, fazendo sinais para ir ter com ele.

– O que faz por aqui, minha linda? – pergunta-me, dando-me dois beijos quando me curvo para o cumprimentar.

– O Mark veio encontrar-se com o Oliver. Conhece-o? Está à frente da secção de arte do século XIX aqui. – Sento-me na cadeira livre à frente dele. – Agora foram almoçar. E o James, o que faz por aqui?

– Vim ver uma ou outra coisa que vai ser posta à venda em breve. – James dobra o jornal e olha-me por cima dos óculos dourados naquele seu jeito, como se quisesse examinar-me como deve ser e perceber em que estou a pensar.

– Como corre a vida?

– Bem, bem...

– Vá lá, Beth. Parece nervosa. O que se passa? – A expressão ameniza-se. – Alguma notícia do Dominic?

James é uma das poucas pessoas que sabem quase tudo o que aconteceu entre mim e Dominic. Não imagino contá-lo a mais ninguém, à Laura, à minha mãe, à Celia, a minha tão sábia amiga e também madrinha do meu pai. Estranhamente, a única pessoa com quem posso falar sobre a minha relação é o meu ex-patrão *gay* e dono de uma galeria, que conheço há menos de um ano, mas é assim que as coisas são. É gentil, sem preconceitos e com alguma experiência no tipo de mundo em que me vi envolvida no verão passado. E gosta de mim de uma forma platónica, o que me faz sentir segura e me dá a sensação de que alguém olha por mim.

– Não, nenhuma notícia.

– Quanto tempo já passou?

Baixo o olhar, fixando o tampo da mesa. A chávena de chá de James ali está, meia cheia, e observo-lhe os reflexos à superfície.

– Desde o dia em que se foi embora que não sei nada dele. Mandou-me uma mensagem nessa noite, mas, depois disso, nada.

– E a Beth entrou em contacto com ele?

Abano a cabeça devagar.

– Ele sabe onde estou. Combinámos que ele diria alguma coisa.

James suspira, como se a minha teimosia e o desaparecimento de Dominic o entristecessem. Depois franze o sobrolho.

– Mas passa-se mais qualquer coisa?

Solto uma gargalhada.

– James, como é possível conhecer-me tão bem?

Sorri-me de volta, o rosto delgado inesperadamente ruborizado.

– Querida, a Beth é um livro aberto para mim. Pela parte que me toca, nunca será uma mulher misteriosa, por mais que seja velada e insondável para outros. Consigo ver através de si, e noto que está inquieta. O que aconteceu?

Inclino-me, os olhos reluzentes.

– Vou para o Sul de França com o Mark – digo, entusiasmada, pondo-o a par da viagem. Enquanto vou falando, mal posso acreditar que vai mesmo acontecer. *Amanhã. Oh, meu deus!*

James não parece particularmente animado. Pensei que bateria

palmas de alegria e comentaria como tinha sido bom arranjar-me este trabalho com Mark, que me permite viajar e conhecer o mundo, sem contar tostões. Contudo, parece mais preocupado do que outra coisa.

– Não fica feliz por mim? – pergunto-lhe.

Não responde logo, dizendo depois com muita calma:

– Já ouvi muitas coisas sobre esse tal Dubrovski e, pelo que pude perceber, não é um homem particularmente agradável. Imagino que não se chegue a multimilionário, tendo vindo de um bairro degradado de Moscovo, sem se ter alguma qualidade. Mas, mesmo assim, não é alguém que quisesse conhecer. Não gosto da ideia da sua proximidade com ele.

Aquele instinto protetor de James desperta-me um sorriso.

– Não vou ter qualquer relação com ele. É cliente do Mark. O meu papel é assessorar o Mark.

James semicerra os olhos.

– Então, porque está tão entusiasmada?

– Com esse seu dom para ler pensamentos, o James poderia ter uma segunda carreira de sucesso como psicólogo forense – digo, tentando parecer brincalhona.

É nesse instante que ele percebe. A descoberta espelha-se-lhe no olhar, pleno de comiseração.

– Oh, querida. Acha que ele lhe pode dar alguma pista sobre o paradeiro de Dominic.

Fico corada. Dito assim, parece ridículo.

– Bem...

É evidente que James não sabe o que dizer. Não quer estragar-me a festa e destruir o meu sonho, mas apercebo-me de que também não me dará falsas esperanças, em caso da mais que provável desilusão.

– Pode acontecer, imagino. Afinal, ele trabalha efetivamente para Dubrovski, pelo menos, tanto quanto sabemos. Mas não espere muito, é só o que lhe quero dizer.

– Não o farei – prometo. – Sei que é improvável; para ser franca, não estou a pensar muito no assunto.

Mas a verdade é que, desde que Mark me falou da viagem, esta manhã, tenho sentido uma cada vez maior esperança em descobrir

alguma coisa sobre Dominic lá. Bastava que Dubrovski mencionasse o nome dele, para me fazer sentir mais próxima.

– James desvia o olhar para chamar o empregado, e eu aproveito para, de olhos fechados, pedir em silêncio para estabelecer algum tipo de contacto com Dominic em França. Mal consigo admitir a mim própria que, no fundo, tenho esperança de que ele esteja na casa de campo, mesmo com a consciência de que é uma fantasia ridícula.

Ficarei contente só de ouvir o nome dele, digo a mim própria com firmeza. Isso bastar-me-á.

– Parece encantador, querida. Estou cheia de inveja. Que chique, uma casa de campo! A tua vida anda muito glamorosa nos últimos tempos. Mas tens tudo o que precisas para viajar para França? Vai estar calor? Tens um fato de banho de jeito?

É mesmo coisa da minha mãe. Dois segundos depois de ouvir a notícia, preocupa-se se vou bem artilhada. Laura, quando soube da viagem, soltou um grito e desatou aos pulos pela sala, entoando:

– Sortudo, sortuda, sortuda, sor-tu-da!

Já a minha mãe está preocupada se vou passar vergonhas com um fato de banho roto.

– Acho que não vou ter muito tempo para ir nadar, mãe. – Enquanto falamos, vou tirando roupa das gavetas e do armário e ponho-as em cima da cama, tentando descobrir do que vou precisar ao certo numa casa de campo, no Sul de França. – Não vou de férias. É trabalho.

– Leva as coisas mais quentes no avião, não vá estar frio – avisa a minha mãe, sem me ouvir. – Assim, não precisas de as pôr na mala. É sempre complicado só poder levar uma mala de mão. Se conseguires, leva dois *pullovers*. Afinal, estamos em outubro.

Rio-me outra vez, imaginando-me a aparecer com metade do guarda-roupa vestido, um boneco Michelin inchado feito de camisolas, calças e saias. É mesmo o que preciso para impressionar Mark, para lhe como sou uma mulher viajada. Não tenho coragem de dizer à minha mãe que não vou num voo comercial para Nice, mas sim num avião privado que partirá do aeroporto de Londres. Se quiser levar uma mala cheia de *pullovers*, provavelmente posso fazê-lo.

– Quanto tempo vais lá ficar? – pergunta a minha mãe, tentando

parecer mais feliz do que preocupada, o que, tenho a certeza, está. Ficou tão aliviada quando decidi não ir viajar de mochila às costas com Laura. Não teria dormido o tempo todo que estivesse fora.

– Só alguns dias —respondo, confortando-a. – E vou-vos dando notícias.

– Sim. E não te esqueças de te divertir. Não trabalhes de mais. – A minha mãe só tem uma vaga ideia do que faço, embora já lhe tenha explicado várias vezes. Não estou certa de que o considere trabalho, sequer. – Queres falar com o teu pai?

Enquanto converso com o meu pai, tiro um velho biquíni vermelho da gaveta e, por impulso, junto-o à pilha de roupa em cima da cama. Afinal, é provável que haja piscina. Quem sabe até posso via a ter oportunidade de a usar... Acabo de me despedir e desligar, quando vejo uma mancha de cor no sítio da gaveta de onde tirei o biquíni. Aproximo-me por instantes e pego na coluna de silicone azul com uma saliência na base. É um dos poucos objetos que trouxe do *boudoir*, embora não lhe tenha tocado desde que Dominic o usou, com resultados expressivos. Lembro-me de me ter mandado limpá-lo, oleá-lo suavemente até brilhar de tão escorregadio e promissor. Recordo-me de como, muito mais tarde, ele o fez ganhar vida dentro de mim, levando-me às nuvens e a um clímax extraordinário. A recordação faz-me arquejar involuntariamente e sinto um espasmo de excitação. Pela primeira vez desde aquela noite, pergunto-me como seria deixar aquele objeto inocente cumprir a função para que está destinado.

Tento conter o frenesim borbulhante que se forma dentro de mim. Preciso de me concentrar na viagem e não de me distrair com as várias memórias eróticas de Dominic. Tenho tentado bloquear essa parte de mim enquanto espero que ele regresse.

Se alguma vez voltar, penso com amargura.

Franzo o sobrolho para mim própria. Ele vai voltar e, se isso não acontecer, eu vou encontrá-lo e pedir-lhe explicações.

E é por isso que esta viagem me está a deixar com nervoso miudinho. Porque uma vozinha na minha cabeça murmura: *Podes ficar a saber mais. Podes descobrir onde ele está.*